

ROSA LUXEMBURG: BREVE PERFIL DE UMA REVOLUCIONÁRIA

Isabel Maria LOUREIRO¹

- RESUMO: O presente texto, que serve de apresentação à série de cartas traduzidas pela A. e publicadas a seguir junto ao original alemão (Karl Kraus), esboça em rápidos traços a personalidade de Rosa Luxemburg, tendo como pano de fundo a cultura do seu tempo. Procura-se sugerir que se Rosa é uma personagem tão rica e interessante, isso deve-se ao amálgama, existente na sua formação, entre a *Bildungsbürgertum* e a atmosfera revolucionária proveniente da Rússia.
- PALAVRAS-CHAVE: Social-democracia alemã; *Bildungsbürgertum*; literatura clássica alemã; socialismo democrático.

Apresentação

Ao chegar a Berlim pela primeira vez, vinda de Zurique, em maio de 1898, Rosa Luxemburg tem um mau presságio. Como se ela soubesse que na cidade eleita para a sua carreira política, nessa detestada capital da Prússia a que lentamente se acostumou, receberia o batismo de fogo ao entrar na social-democracia alemã – cenário de lutas constantes, intermináveis, quase todas inglórias – e que ali seus dias terminariam de maneira brutal, marcando para sempre a trajetória da esquerda no século XX.

Fazer carreira na social-democracia alemã representava, para a jovem judia polonesa, com um brilhante doutorado sobre “O desenvolvimento econômico da Polônia”, recém-concluído na Universidade de Zurique, um desafio inevitável posto pela luta revolucionária. Era da maior importância, para quem quisesse ter um papel político relevante na esquerda, militar no partido alemão que, como se sabe, formava a mais poderosa organização operária da Europa.

Rosa porém deu-se conta rapidamente de que esse partido, modelo da esquerda na época, não passava, na realidade, de uma grande organização burocrática, adepta de um marxismo de fachada, que os respeitados líderes social-democratas eram, na

1. Professora do Departamento de Filosofia da UNESP – 17525-900 – Marília – SP.

verdade, pusilânimes e medíocres, escreviam num estilo “convencional, rígido, estereotipado”,² mas – e nisso consistia o problema – com enorme penetração nas massas trabalhadoras. Era portanto necessário empurrar esse partido para a esquerda, trabalho a que se dedicou incansavelmente até a guerra.

Após um ano de militância na social-democracia alemã, Rosa traça seu plano de combate, comunicando-o a Leo Jogiches (Luxemburg, 1971), mentor, amante e companheiro político:

dentro de um, dois anos, as intrigas, os temores, os ciúmes, nada disso terá importância, e eu ocuparei uma das primeiras posições dentro do partido ... Não tenho a mínima intenção de limitar-me à crítica; ao contrário, tenho intenção e vontade de empurrar positivamente, não as pessoas, mas o movimento na sua totalidade, de rever todo o nosso trabalho, a agitação, a prática, indicar caminhos novos ... combater a rotina etc., em suma, de dar continuamente impulso ao movimento ... pois a *suprema ratio* a que cheguei através de toda a minha experiência revolucionária polonesa e alemã é de sermos sempre nós mesmos sem levar em conta o que nos circunda e os outros. Ora, eu sou e quero permanecer idealista, tanto no movimento alemão, quanto no polonês.

Sua notória intransigência (teimosia?) ou idealismo, fundada num forte traço de personalidade, reconhecida por todos, admirada por uns como força de caráter, detestada por outros como sectarismo e por ela mesma proclamada em inúmeras cartas aos amigos, acentua-se nas lutas políticas travadas no partido alemão, sobretudo a partir da guerra. Em tom cortante, declara, da prisão, a uma amiga, que começa a fraquejar: “... doravante, não farei a menor concessão, nem em política, nem na escolha dos meus amigos ... assim que puder pôr o nariz para fora, vou perseguir e caçar o vosso bando de rãs, ao som da trompa, a chicotadas, lançando sobre ele meus molossos – ia escrever, tal Penthesilea – mas por Deus, vocês não são Aquiles!”³

Essa intransigência política e moral deu origem à imagem de uma Rosa *pétroleuse*, sanguinária, imagem criada pela imprensa burguesa e social-democrata para desmoralizá-la. Representação distorcida a que passou a opor-se mais tarde a da Rosa autora epistolar, irradiante de lirismo e de amor à natureza. Luise Kautsky, numa homenagem à amiga assassinada, foi a primeira a publicar as cartas endereçadas aos Kautsky, buscando assim contrapor à revolucionária radical a mulher humanista, fiel aos valores da *Bildungsbürgertum*, generosa e compassiva, sempre disposta a consolar os amigos, divertida e espontânea. Capaz de em uma frase – muito mais que uma *boutade* – expor lapidarmente sua essência conflituosa: “no fundo, fui feita para cuidar dos gansos e se giro no turbilhão da história do mundo é por engano”⁴ (Luxemburg, 1984).

2. Carta a Robert Seidel, datada de 23.6.1898, publicada em *Gesammelte Briefe*, v. 1, de Rosa Luxemburg.

3. Carta a Mathilde Wurm, datada de 28.12.1916, publicada em *Gesammelte Briefe*, v. 5. Sobre a intransigência de Luxemburg, diz sua amiga e biógrafa Henriette Roland Holst: “O não compromisso que ela exigia na luta política realizava continuamente na sua própria vida. Nos congressos nacionais e internacionais evitava sentar-se à mesma mesa com companheiros de outras colorações políticas.” (*Rosa Luxemburg, ihr Leben und Wirken*, 1937, p. 111-2).

4. Carta a Luise Kautsky, datada de 18.9.1915.

Na verdade, tanto as cartas aos amigos, quanto as dirigidas a Leo Jogiches, na juventude e, na maturidade, a seu novo amante, Kostia Zetkin, revelam uma mulher dilacerada entre o amor, a vida simples, pacífica, e a causa política. Seu maior desejo sempre fora não separar política e felicidade privada. Donde as eternas críticas e brigas com Leo, que só tinha olhos para a “causa”. Aliás, quando a jovem Rosa, antes de ir para Berlim, vê diante de si a obrigação de escolher entre felicidade individual e dever político, confessa espontaneamente sua opção pela primeira: “Se após refletir longamente, chegar à conclusão de que estou perante a alternativa de me afastar do movimento operário, vivendo em paz contigo em qualquer buraco, ou agir na arena pública separando-me de ti – escolherei a primeira”⁵ (1971).

Não o fez. Um tanto a contragosto tomou o outro rumo, sacrificando a vida pessoal, decisão que deu origem a contínuas dores e amarguras. Tinha, porém, plena consciência de que num mundo dilacerado não havia saída. A fuga para o doce remanso da vida burguesa, muitas vezes almejada, era impossível e ela sabia disso. Acima do tranqüilo isolamento do “ego bem amado”, encontrava-se a busca da verdade, tanto no plano pessoal, quanto no social.

Nesse sentido, Rosa identifica-se com Tolstói, pois ele

orienta-se para aquelas formas de vida e existência que possam concordar com o ideal da moralidade (*Sittlichkeit*). Mas o seu [de Tolstói] ideal moral (*sittlich*) é de natureza puramente social: igualdade e solidariedade entre todos os membros do gênero humano, baseado no dever geral de trabalhar ... A história da arte tolstoiana é uma busca de como eliminar a contradição entre o ideal e as relações sociais existentes. Ele não quis, por nenhum preço, renegar esse ideal durante toda sua longa vida, nem nunca admitiu o menor compromisso com a ordem estabelecida. (1984d, p. 186)

O ideal ético de Tolstói é, de certa forma, o seu: superar a cisão entre o divino e o mundo, porém através da “luta de classes revolucionária do proletariado”. Daí o dever de dedicar-se à revolução. Entretanto, malgrado essa forte consciência do dever, Rosa não deixa de lamentar com amargura a desumanidade de uma vida exclusivamente consagrada à política, como podemos ver pelo seguinte trecho de uma carta a Leo:

Ontem à noite, por uma estranha coincidência, peguei a caixa com as últimas cartas de mamãe e papai e cartas antigas de Andzia e Józio [irmãos]. Li-as todas, chorei até os olhos ficarem inchados e fui para a cama desejando nunca mais acordar. *Particularmente* odiosa tornou-se-me toda a ‘política’. Por causa dela ... não respondia às cartas de mamãe e papai durante semanas inteiras. Nunca tinha tempo para eles, por causa destes *trabalhos de abalar o mundo* (e isso continua até hoje). Meu ódio voltou-se contra ti, porque foste tu que me acorrentaste para sempre a esta maldita política. (Lembro-me de ter seguido o teu conselho para não deixar a sra. Lübeck ir a Weggis, pois poderia perturbar o acabamento de um *artigo de marcar época para os Sozialistische Monatshefte*, e ela vinha com a notícia da morte da minha mãe!). Digo-te tudo isto de coração aberto. Hoje passei ao sol e sinto-me um pouco melhor. Ontem estava quase a desistir,

5. Carta a Leo Jogiches, datada de 12.7.1896.

para sempre, de toda esta *maldita política*, ou melhor, da cruel paródia da nossa vida 'política', e *mandar o mundo para o inferno*. A política é um *servir a Baal* idiota, em que toda a existência humana, vítima do seu próprio dilaceramento, da sua atrofia espiritual, se sacrifica. Se eu acreditasse em Deus, estaria convencida de que ele nos castigaria severamente por este tormento.⁶ (1984b)

Como vemos, trata-se de um protesto veemente contra uma vida estritamente política, pobre do ponto de vista afetivo e espiritual, contra a falta de influência de suas idéias sobre as massas, contra a modorra reformista em que vegeta a social-democracia alemã. Mas não é só isso. Rosa tem sempre presente o sonho de uma outra vida, bela, harmoniosa, ideal inatingível, continuamente perseguido:

Dentro de mim sinto-me bem mais em casa num pequeno canto de jardim como aqui, ou no campo, sentada na grama, cercada de zângãos que ... num congresso do partido. Posso dizer-lhe tudo isto tranqüilamente, você não vai desconfiar de que estou traindo o socialismo. Você sabe, espero, apesar de tudo, morrer no meu posto, numa batalha de rua ou nos trabalhos forçados. Mas o meu eu mais profundo pertence antes aos meus pardais que aos "camaradas".⁷ (1985)

Poderíamos multiplicar os exemplos, mas basta mais um, do Natal de 1914:

Aliás, como sempre na vida, estou em marcante contradição com o que faço. Como pretendo fundar novamente o jornal, tenho cinco reuniões por semana e trabalho pela futura organização. Mas apesar disso, por dentro, nada mais quero a não ser calma e renúncia, para sempre, a toda esta enorme atividade sem sentido.⁸ (1985).

Manifestações assim, tão tipicamente femininas, são constantes na correspondência, na qual podia revelar seus estados de alma aos amigos, sem medo de ser censurada. Sob este aspecto, Rosa nada tem de excepcional. É uma mulher dedicada à política revolucionária que, ao mesmo tempo, revela seu lado sensível, "feminino", lamentando gastar a vida tão somente na luta árdua para tornar o mundo belo, justo, harmonioso. Por que não conciliar as duas coisas, a política e a felicidade pessoal? Era precisamente esse o seu desejo, tanto que sua amiga e biógrafa Henriette Roland Holst chega a dizer, e com razão, que: "Ela não era uma pura natureza política, simplista, como os grandes dirigentes políticos e revolucionários de todos os tempos, Cromwell, Robespierre, Marat ou Lenin" (1937, p. 34).

Mas no que consistiria a diferença entre ela e os seres estritamente políticos? Embora correndo o risco da simplificação, talvez possamos considerar que aquilo que a torna uma personalidade única nos meios de esquerda da época seja a maneira particular como assimila a cultura "burguesa" passada e presente, o que tentarei delinear em grandes traços. A literatura alemã, francesa, russa, Tolstoi em primeiro lugar, têm papel fundamental na sua formação humanista, além do poeta romântico

6. Carta a Leo Jogiches, datada de 20.10.1905.

7. Carta a Sonia Liebknecht, datada de 2.5.1917.

8. Carta a Kostia Zetkin, datada de 24.12.1914.

polonês Adam Mickiewicz que, segundo Ettinger (1989, p. 36), “personificou o drama de seu país – dividido entre o Oriente e o Ocidente, entre a emoção e a razão”. Mickiewicz teria sido, muito antes de Rosa conhecer Marx, a sua fonte inspiradora, revelando-lhe a obrigação moral de lutar por um sistema social mais justo e levando-a a confiar na sabedoria instintiva dos trabalhadores (p. 34).

Os comentadores são unânimes ao descrever Rosa como uma pessoa cultivada, produto de um tempo caracterizado pelo universalismo dos interesses. “A profunda necessidade de cultura, a ligação aos seus valores, o amor à natureza são parte integrante da existência quotidiana da ‘*Bildungsbürgertum*’” (Haupt, 1977, p. 23). Rosa Luxemburg corresponde sem dúvida a esse perfil: nela encontramos amalgamados um genuíno interesse pela literatura, pintura, música, botânica, geologia e um amor profundo à natureza. Nada do que torna um ser humano mais refinado do ponto de vista espiritual está excluído do seu horizonte: “O universalismo do classicismo alemão é seu modelo, seu ideal” (p. 23). Ideal que podemos ver exposto numa carta a Luise Kautsky, criticando-a por deixar-se influenciar pela difícil conjuntura do tempo da guerra:

Repara, por exemplo, como um Goethe se manteve frio e sereno, acima das coisas. Pensa pelo que teve de passar: a grande Revolução Francesa que certamente, vista de perto, parecia uma farsa sanguinária, totalmente sem sentido; e a seguir, de 1793 a 1815, uma cadeia de guerras ininterrupta, em que o mundo, de novo, parecia um manicômio desenfreado. Com que calma, com que equilíbrio espiritual fez ele, ao mesmo tempo, seus estudos sobre a metamorfose das plantas, sobre a teoria das cores, sobre mil coisas. Não exijo que faças poesia como Goethe, mas sua concepção da vida – a universalidade dos interesses, a harmonia interior –, todos podem fazê-la sua ou, pelo menos, esforçar-se para isso. (Luxemburg, 1984c, p. 533)

De gosto conservador e clássico, Rosa afastou-se, por um lado, dos escritores modernos, os quais não compreendia ou não conhecia e, por outro, uma cultura proletária autônoma sempre lhe foi estranha, não se interessando pelas tentativas de alguns círculos socialistas de produzirem cantos e poesias proletárias. Entre os escritores alemães, Rosa preferia Goethe, Mörike e Lessing, em virtude de sua “grande e nobre visão do mundo”. Em seguida, os clássicos franceses, Stendhal principalmente. De Schiller não gostava (até que durante a guerra, na prisão, Luise Kautsky levou-a a admirá-lo), em parte devido a seu idealismo, em parte pelo culto que os social-democratas lhe dedicavam.

Tanto Rosa quanto Mehring se opunham às tentativas da social-democracia de transformar Schiller em poeta revolucionário. Ao resenhar um ensaio de Mehring sobre o poeta alemão (1979, p. 533), ela denunciava a interpretação materialista grosseira que buscava a todo custo separar o Schiller revolucionário do Schiller burguês. Rosa entendia a obra do poeta como uma “vigorosa manifestação da cultura burguesa” que os operários precisavam assimilar enquanto tal. Poderíamos fazer aqui uma analogia com a famosa tese de Engels sobre o proletariado como herdeiro da filosofia clássica alemã, mas alargando-lhe o alcance: Rosa vê no proletariado o herdeiro da grande

cultura burguesa na sua totalidade, especialmente da literatura clássica alemã. Idéia que expõe numa carta a Mehring, de 27.2.1916:

Se o proletariado alemão é, segundo Marx e Engels, o herdeiro histórico da filosofia clássica alemã, você foi o executor desse testamento. Você salvou do campo da burguesia e nos trouxe, ao campo dos deserdados socialmente, tudo o que restara dos maravilhosos tesouros da cultura intelectual passada da burguesia. Com os seus livros e artigos, você uniu, por liames indissolúveis, o proletariado alemão, não somente à filosofia clássica alemã, mas também à literatura clássica, não somente a Kant e Hegel, mas também a Lessing, Schiller e Goethe. Cada linha da sua pena maravilhosa ensinou aos nossos operários que o socialismo não é uma questão material [*Messer-und-Gabel Frage*], mas um movimento civilizador, uma visão de mundo grande e orgulhosa. (Luxemburg, 1984c)

Henriette Roland Holst, inclusive, na tentativa de compreender a especificidade da concepção socialista de Rosa, observa que a sua relação com a cultura burguesa era bem diferente da de Lenin. Este, por exemplo, nas suas cartas a Gorki, dizia que não se deve ouvir Beethoven “tão freqüentemente”. Rosa, em contrapartida, “durante sua vida, foi francamente receptiva aos valores estéticos e éticos da cultura burguesa, valores que incorporou e assimilou, sendo-lhes gratamente reconhecida até seus últimos dias” (Roland Holst, 1937, p. 25), acrescentando que ela distinguia a “cultura” burguesa, com suas idéias de justiça e igualdade, da “civilização” capitalista.⁹

Como sabemos, os socialistas da Segunda Internacional estavam profundamente envolvidos por esse universo da *Kultur* e Luxemburg, apesar de suas posições esquerdistas, não constitui caso à parte. Para ela, a revolução proletária, ao emancipar o homem alienado do capitalismo, seria o meio de realizar concretamente os ideais universalistas burgueses que permaneceram abstratos. Por isso mesmo, sua mira dirige-se ao homem e não a grupos particulares, como os judeus. Nesse sentido, escreve: “É preciso sempre, antes de mais nada, viver como um ser humano total ... não tenho, para o gueto, nenhum lugar especial no coração. Sinto-me em casa no vasto mundo onde há nuvens, pássaros e lágrimas.”¹⁰

Além disso, sua visceral ligação com a literatura russa, voltada para as questões sociais, veio fortalecer o que aprendera com Mickiewicz na juventude: a confiança na sabedoria instintiva do povo,¹¹ também presente em Dostoiévski, Tolstoi e Korolenko,

9. A *Kultur* constitui a esfera dos “valores éticos, estéticos e políticos, caracteriza um estilo de vida pessoal, um universo espiritual ‘interior’, ‘natural’, ‘orgânico’, tipicamente alemão, *Zivilisation* designa o processo material, técnico-econômico, ‘exterior’, ‘mecânico’, ‘artificial’, de origem anglo-francesa” (Löwy, 1979, p. 19). Entretanto, Rosa distingue as grandes obras literárias da economia política e da história burguesas, as quais critica asperamente e que, no seu entender, foram completamente ultrapassadas pelo marxismo. Na *Introdução à economia política*, diz, por exemplo: “A doutrina de Marx é filha da teoria econômica burguesa, mas seu nascimento matou a mãe”. (Luxemburg, 1985, p. 591).

10. Carta a Mathilde Wurm, datada de 16.2.1917 e publicada em *Gesammelte Briefe*, 1984c, v. 5. Também não dirige nenhuma atenção especial à questão feminina, que deixava para Clara Zetkin. Nos debates partidários nunca tocou no assunto e numa obra de mais de quatro mil páginas, apenas doze se debruçam sobre o problema. Mas nem por isso as feministas alemãs deixaram de reivindicá-la para si.

11. Para Rosa, povo, massa, proletariado têm praticamente o mesmo sentido.

cujo romance, a *História de meu contemporâneo*, traduziu na prisão, no decorrer da guerra. Durante anos, Rosa procurou mostrar aos social-democratas alemães a importância dos romancistas russos do século passado, mas a maior parte das vezes enfrentava uma incompreensão que a enchia de fúria (Nettl, 1972, p. 39). Ela, em contrapartida, criada no entrecruzamento de duas culturas, consegue unir, na sua visão de mundo, o universalismo da *Bildunsbürgertum* ao futuro socialista que nascia na Rússia. Embora apresentada muito sucintamente, nisto consistiria a particularidade a que antes me referi na assimilação da cultura burguesa por parte de Rosa.

Porém, se, sob um certo aspecto, vir de um mundo atrasado e pobre, cultor da rebeldia, lhe permitiu horizontes amplos, muito além da mesquinha estreiteza eurocentrista de seus colegas social-democratas, sob outro aspecto, Rosa pagou um preço por viver na encruzilhada entre dois universos geográficos, culturais, temporais: Oriente e Ocidente; mulher de educação burguesa que, em luta contra um destino tipicamente feminino, escolhe não só a carreira política, mas a causa proletária; revolucionária típica do século XIX, por todos os seus valores (donde uma certa sensação de anacronismo ao lermos as cartas), que, com a guerra, vê desmoronar o mundo que lhe era familiar, Rosa vive constantemente dilacerada. Entre outras coisas porque sendo revolucionária, oradora e jornalista, ao fazer uso público da palavra, ocupa um lugar tradicionalmente masculino, situação que, ao mesmo tempo, lhe agrada – visto significar emancipação – e lhe pesa, pois exclui a doçura e tranqüilidade da vida feminina entre quatro paredes. Aliás, se Rosa fascinou tantos escritores, tendo-se tornado tema de várias obras literárias, deve-se, não só ao seu destino trágico, mas também à sua personalidade multifacetada, em que a paixão e o desejo de nunca deixar de ter a sua “ração diária de felicidade”¹² dominam e que, por isso mesmo, sofria com o rame-rame quotidiano da política partidária.

A sua alma ardente de *Stürmer und Dränger* sempre a fez ver no trabalho burocrático, de rotina dentro da organização uma corvêia insuportável. Seu espírito arrebatado fora, assim como o de Lassalle, talhado para os grandes atos heróicos. Tanto é verdade que nas épocas revolucionárias vive intensamente, e nos períodos de calma sente-se vegetar. E se existe algo de que se arrepende, a crermos nas suas palavras, foi “de não ter mostrado três vezes mais audácia!”¹³ Por isso mesmo, escreve da prisão à sua amiga Clara Zetkin, a primeiro de janeiro de 1917: “sabes o que decidi? Depois da guerra simplesmente não te permitirei mais participar de reuniões e, da minha parte, acabei para sempre com todas essas reuniões. Quero ficar ali onde há grandes coisas, onde se ouve o bramir do vento, no meio da turbulência; da rotina quotidiana estou farta e tu também, com certeza.” (1984c).

Rosa é o oposto inequívoco do burocrata de partido, metucioso, unicamente preocupado com a manutenção da máquina da qual depende, que nunca quer arriscar

12. Carta a Leo Jogiches, datada de 17.5.1898 e publicada em *Lettres à Léon Jogiches*, de Rosa Luxemburg.

13. Verso modificado de *A confissão de Hutten*, poema de Conrad Ferdinand Meyer, citado em carta a Mathilde Jacob, de 7.2.1917, publicado em *Gesammelte Briefe*, 1984c, v. 5, de Rosa Luxemburg.

nada, *pendant* exato do funcionário público medíocre, amigo da ordem, agarrado à pequena e mesquinha segurança quotidiana. A sua compreensão da vida – “Viver em perigo e perigosamente” (Kautsky, s.d., p. 54) –, o seu universo feito de grandes ideais generosos, e a luta constante para ver realizada uma “política moral”, fundada em princípios revolucionários inflexíveis, eram um brado de repúdio contra “os velhos e bem comportados companheiros da social-democracia defunta, para quem os carnês de filiação são tudo, os homens e o espírito, nada” (Luxemburg, 1987, p. 406).

Rosa Luxemburg ficou conhecida como a teórica pioneira do socialismo democrático, em virtude de sua defesa intransigente da autonomia criadora das massas contra o burocratismo paralisante das organizações. Além das outras razões anteriormente expostas, o *élan* antiburocrático e libertário de sua teoria – e de sua personalidade – explica o fascínio que ela continua a exercer sobre os espíritos insubmissos, e também o ódio mortal que sempre suscitou nos amigos da ordem. Os dois tipos de reação podem ser constatados na pequena série de cartas publicada a seguir.

LOUREIRO, I. M. Rosa Luxemburg: short profile of a revolutionary. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 17, p. 81-103, 1994.

- **ABSTRACT:** *This paper, intended as an introduction to the series of letters that follows it, is a summary sketch of Rosa Luxemburg's personality, drawn against the background of the culture of her time. It suggests that if Rosa is a character so rich and interesting, this is due to the combination, present in her upbringing, of the Bildungsbürgertum with the revolutionary atmosphere coming from Russia.*
- **KEYWORDS:** *German Social Democracy; Bildungsbürgertum; classical German literature; democratic socialism.*

Referências bibliográficas

- 1 ETTINGER, E. *Rosa Luxemburgo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- 2 HAUPT, G. Apresentação In: Luxemburg, R. *J'étais, je suis, je serai!*, correspondance 1914-1919. Paris: Maspero, 1977.
- 3 KAUTSKY, L. *Mon amie Rosa Luxembourg*. Paris: Spartacus, s.d.
- 4 LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- 5 LUXEMBURG, R. *Lettres à Léon Jogiches*. Paris: Denoël/Gonthier, 1971.
- 6 _____ . *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz, 1979. v. 1/2.
- 7 _____ . *Gesammelte Briefe*. Berlin: Dietz, 1983. v. 4.
- 8 _____ . *Gesammelte Briefe*. Berlin: Dietz, 1984a. v. 1.
- 9 _____ . *Gesammelte Briefe*. Berlin: Dietz, 1984b. v. 2.
- 10 _____ . *Gesammelte Briefe*. Berlin: Dietz, 1984c. v. 5.
- 11 _____ . *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz, 1984d. v. 3.
- 12 _____ . *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz, 1985. v. 5.

- 13 LUXEMBURG, R. *Gesammelte Werke*. Berlin: Dietz, 1987. v. 4.
- 14 NETTL, J. P. *La vie et l'oeuvre de Rosa Luxemburg*. Paris: Maspero, 1972.
- 15 ROLAND HOLST-VANDERSCHALK, H. *Rosa Luxemburg, ihr Leben und Wirken*. Zurich: Jean-Christophe, 1937.
- 16 VONTROTTA, M., ENSSLIN, C. *Rosa Luxemburg, das Buch zum Film*. Nördlingen: Greno, 1986.

Carta de Rosa Luxemburg a Sonia Liebkecht

(Breslau, antes de 24.12.1917)

Sonitchka, meu passarinho, fiquei tão contente com a sua carta! Queria responder imediatamente, mas tinha muito a fazer, o que exigia grande concentração e por isso não pude dar-me a esse luxo. Depois preferi esperar por uma boa oportunidade, porque é muito melhor podermos tagarelar à vontade.

Pensei em você todos os dias ao ler as notícias da Rússia e preocupei-me ao imaginar a sua enorme aflição a cada telegrama estúpido. O que agora vem de lá são, na maioria, informações de tártaros, e isso é duplamente verdadeiro para o sul.² O que importa para as agências telegráficas (aqui e lá) é exagerar o mais possível o caos, e elas aumentam de maneira tendenciosa todo boato não confirmado. Até as coisas se esclarecerem, não tem sentido, não vale a pena ficar inquieto à toa, por antecipação. No geral, parece que as coisas se passam sem nenhum derramamento de sangue; em todo caso, todos os boatos sobre “combates” não foram confirmados. É simplesmente uma áspera luta partidária que à luz dos correspondentes dos jornais burgueses parece sempre uma loucura desenfreada e um inferno. No que concerne aos *pogroms* contra judeus, todos os boatos nesse sentido são simplesmente *mentira*. Na Rússia, a época dos *pogroms* acabou de uma vez por todas. O poder dos operários e do socialismo é forte demais para permitir isso. A revolução purificou de tal maneira a atmosfera dos miasmas e do ar sufocante da reação que Kichinev pertence para sempre ao *passé*.³ Tenho menos dificuldade em imaginar *pogroms* contra judeus na Alemanha... Em todo caso, aqui reina a atmosfera propícia de baixez, covardia, reação e estupidez. Quanto aos *pogroms*, você pode ficar totalmente tranqüila no que se refere ao sul da Rússia. Como lá as coisas chegaram a um conflito muito agudo entre o governo de

1. Estas cartas foram publicadas pela primeira vez em 1920, um ano e meio depois do assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebkecht. Pela ordem, temos a carta de Rosa, escrita da prisão a sua amiga Sonia Liebkecht, mulher de Karl Liebkecht, na época também encarcerado; em seguida, um pequeno texto de Karl Kraus publicado no seu jornal *Die Fackel*, comentando a carta de Rosa; depois, a resposta indignada de uma leitora aristocrata que não admite o elogio da revolucionária assassinada e, finalmente, a réplica irada de Kraus a essa leitora, jogando a ela e a sua classe na lata de lixo da história. Kraus é dono de uma prosa fascinante e poderosa, repleta de ira divina contra os pecados da humanidade; neste caso, os de uma classe social. Resolvi publicar estes textos porque o tom crispado, sem meias medidas, típico de uma época de exacerbação da luta de classes, continua sendo inspirador para nós. Traduzir Karl Kraus foi um verdadeiro *tour de force*, como o leitor poderá julgar pelo original que também vai publicado. Agradeço a Oswaldo Giacóia e a Jeanne Marie Gagnebin por sugestões preciosas e correções na tradução. Pelos erros sou a única responsável. A tradução da carta de Rosa Luxemburg, que se encontra nas *Gesammelte Briefe*, v. 5, foi cotejada com a versão francesa publicada em *J'étais, je suis, je serai. Correspondence 1914-1919*. As outras foram publicadas em von Trotta, M. e Ensslin, C., *Rosa Luxemburg, Das Buch zum Film*. Nördlingen: Greno, 1986.

2. Sonia Liebkecht era de Rostov sobre o Don.

3. Em francês no texto. Rosa refere-se ao *pogrom* de abril de 1903.

São Petersburgo e a Rada, logo elas devem se resolver e esclarecer, e poderemos ver a situação no seu todo. De todos os pontos de vista não há nenhum sentido, nenhum motivo para você, na incerteza, consumir-se de medo e inquietação. Portanto, minha menina, coragem, cabeça erguida, fique firme e tranquila. Tudo vai melhorar, é só não ficar logo à espera do pior!...

Esperava muito vê-la em breve por aqui, em janeiro. Porém Mat[hilde] W[urm] quer vir em janeiro. Seria difícil para mim renunciar à sua visita em janeiro, mas naturalmente não posso decidir livremente. Se você declarar que só pode vir em janeiro, talvez fique assim; talvez Mat[hilde] W[urm] possa vir em fevereiro? Em todo caso gostaria de saber logo quando a verei.

Faz agora um ano que Karl está na prisão em Luckau. Neste mês pensei nisso freqüentemente. E há exatamente um ano você visitou-me em Wronke e ofereceu-me a linda árvore de Natal... Este ano, pedi que me comprassem cá uma, mas a que me trouxeram estava toda estragada, faltavam-lhe galhos – sem comparação com a do ano passado. Não sei como vou colocar as oito velas que comprei. É o meu terceiro Natal no xadrez, mas não considere isso tragicamente. Continuo, como sempre, calma e alegre.

Ontem fiquei muito tempo acordada – agora não consigo dormir antes da uma, mas preciso ir para a cama às dez, porque apagam a luz, e então no escuro sonho com diversas coisas. Ontem, portanto, pensava: como é estranho eu viver permanentemente numa alegre embriaguez, sem nenhuma razão particular. Então, por exemplo, estou deitada aqui nesta cela escura, num colchão duro como pedra, enquanto à minha volta, no edifício, reina a habitual paz de cemitério; parece que estou no túmulo; através da janela desenha-se no teto o reflexo do bico de gás ardendo a noite inteira diante da prisão. De tempos em tempos ouve-se o barulho surdo de um trem passando ao longe, ou então, bem perto, sob minhas janelas, o pigarro da sentinela que, com suas pesadas botas, dá alguns passos lentos para desentorpecer as pernas. A areia estala tão desesperadamente sob esses passos, que todo o vazio e a falta de perspectivas da existência ressoam na noite úmida e sombria. E aqui estou eu deitada, quieta, sozinha, enrolada nos véus negros das trevas, do tédio, da falta de liberdade, do inverno – e, apesar disso, meu coração bate com uma alegria interior desconhecida, incompreensível, como se, debaixo de um sol radiante, estivesse atravessando um prado em flor. No escuro, sorrio à vida, como se conhecesse algum segredo mágico que pune todo mal e as tristes mentiras, transformando-as em luz intensa e em felicidade. E, ao mesmo tempo, procuro uma razão para esta alegria, não encontro nada, e tenho que sorrir novamente – de mim mesma. Creio que o segredo não é outro senão a própria vida; a profunda escuridão noturna é bela e suave como veludo, basta somente saber olhar. No estalar da areia úmida sob os passos lentos e pesados da sentinela canta também uma bela, pequena canção da vida – basta apenas saber ouvir. Nesses momentos penso em você. Gostaria tanto de passar-lhe essa chave mágica para você perceber sempre, em todas as situações, o que há de belo e alegre na vida, para que também você viva na embriaguez, como que caminhando por um

prado cheio de cores. Longe de mim a idéia de contentá-la com ascetismo, com alegrias imaginárias. Concedo-lhe todas as reais alegrias dos sentidos que deseje. Só gostaria de dar-lhe também a minha inesgotável serenidade interior, para não me preocupar mais consigo, para que andasse na vida com um manto de estrelas protegendo-a de tudo que é mesquinho, banal e angustiante.

Você colheu no parque de Steglitz um lindo cacho de bagos negros e rosa-violeta. Os bagos negros podem ser de sabugueiro – seus bagos pendem em pesados cachos densos entre grandes feixes de folhas pinuladas, você certamente o conhece. Ou, mais provavelmente, alfena: elegantes, graciosas panículas de bagos, eretas, e folhinhas verdes, finas e longas. Os bagos rosa-violeta, escondidos sob folhas bem pequeninas podem ser da nespereira anã; na realidade, eles são vermelhos, mas nesta época, já um pouco maduros demais, apodrecendo, adquirem freqüentemente um tom violeta avermelhado; as folhinhas parecem as do mirto: pequenas, lanceoladas, o lado superior é verde-escuro, e embaixo rugoso, semelhante ao couro.

Soniucha, você conhece o poema de Platen,⁴ “*Die verhängnisvolle Gabel*”? Você poderia enviá-lo ou trazê-lo? Karl disse uma vez que o tinha lido na casa dele. Os poemas de George são bonitos; agora sei de “*Und unterm Rauschen rötlichen Getreides...*”⁵ [e sob o murmúrio do trigo erubescente] que você sempre recitava quando passeávamos no campo. Você poderia copiar-me, quando puder, o *Novo Amadis*?⁶ Gosto tanto desse poema – naturalmente graças ao *lied* de Hugo Wolf –, mas não o tenho aqui. Você continua lendo a *Die Lessing Legende*?⁷ Retomei a *Geschichte des Materialism*, de Lange,⁸ que sempre me estimula e restaura. Gostaria tanto que um dia você a lesse.

Ah! Sonitchka, tive aqui uma dor violenta. No pátio onde passeio, chegam freqüentemente carroças do exército, abarrotadas de sacos, de velhas túnicas e de camisas de soldados, muitas vezes manchadas de sangue... São descarregadas, distribuídas pelas celas, consertadas, novamente postas nas carroças para serem entregues ao exército. Outro dia, chegou uma dessas carroças, puxada não por cavalos, mas por búfalos. Era a primeira vez que via esses animais de perto. São mais fortes e maiores que nossos bois, têm a cabeça chata, chifres recurvados e baixos, o que faz com que sua cabeça, inteiramente negra, de grandes olhos meigos, se pareça à dos nossos carneiros. Originários da Romênia, são um troféu de guerra... Os soldados que conduziam a carroça diziam ser muito difícil capturar esses animais selvagens e ainda mais difícil utilizá-los para carregar fardos, pois estavam acostumados à liberdade. Foram terrivelmente maltratados até compreenderem que perderam a

4. August Graf von Platen-Hallermünde (1796-1835), poeta conhecido pela perfeição formal de seus versos. Aqui, Rosa alude a um poema satírico publicado em 1826, “*Die verhängnisvolle Gabel*” (nota da tradução francesa).

5. O verso é do poema “Nun lasse mich rufen” da coletânea *Der siebente Ring*.

6. Poema épico cômico, de 1771, de Christoph Martin Wieland.

7. Livro de Franz Mehring.

8. Friedrich Albert Lange (1828-1875), filósofo neokantiano, democrata radical, cuja obra, *Geschichte des Materialism*, publicada em 1866, teve larga difusão na social-democracia alemã (nota da tradução francesa).

guerra e que também para eles vale a expressão "*vae victis*" [ai dos vencidos]... Só em Breslau deve haver uma centena desses animais. Eles que estavam habituados às ricas pastagens da Romênia recebem uma ração parca, miserável. Trabalham sem descanso puxando todo tipo de carga e, assim, não demoram a morrer. Há alguns dias, portanto, entrou no pátio uma dessas carroças cheias de sacos. A carga era tão alta que os búfalos não conseguiam transpor a soleira do portão. O soldado que os acompanhava, um tipo brutal, pôs-se a bater-lhes de tal maneira com o grosso cabo do seu chicote que a vigia da prisão, indignada, perguntou-lhe se não tinha pena dos animais. "Ninguém tem pena de nós, homens", respondeu com um sorriso mau e pôs-se a bater ainda com mais força... Os animais deram finalmente um puxão e conseguiram transpor o obstáculo, mas um deles sangrava... Sonitchka, apesar da proverbial espessura e resistência da pele do búfalo, ela foi dilacerada. Durante o descarregamento, os animais permaneciam imóveis, esgotados, e um deles, o que sangrava, olhava em frente com uma expressão, no rosto negro e nos meigos olhos negros, de criança em prantos. Era exatamente a expressão de uma criança que foi severamente punida e que não sabe por qual motivo nem porquê, que não sabe como escapar ao sofrimento e a essa força brutal... Eu estava diante dele, o animal me olhava, as lágrimas saltaram-me dos olhos, eram suas lágrimas. Ninguém pode ficar mais dolorosamente amargurado com a dor de um irmão querido do que eu, na minha impotência, com esse sofrimento mudo. Quão longe, inatingíveis, perdidas, as pastagens da Romênia, suculentas e verdes, belas e livres! Como tudo era diferente, o sol que brilhava, o vento que soprava, os belos cantos dos pássaros e o melodioso chamado do pastor. E aqui, esta cidade estrangeira, horrível, o estábulo sombrio, o feno mofado, repugnante, misturado com palha apodrecida, os homens desconhecidos, assustadores, e as pancadas, o sangue que corre da ferida aberta... Oh! meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido, aqui estamos os dois impotentes e mudos, unidos na dor, na impotência, na saudade. Entretanto, os prisioneiros agitavam-se em volta do carro, descarregavam os pesados sacos e levavam-nos para dentro. Quanto ao soldado, metera as mãos nos bolsos e passeando a grandes passos pelo pátio, ria e assobiava baixinho uma canção da moda. Diante de mim, a guerra desfilava em todo o seu esplendor.

Escreva logo. Abraços, Sonitchka,

Sua Rosa.

Soniuscha, querida, fique calma e alegre apesar de tudo. Assim é a vida. É preciso tomá-la corajosamente, sem medo, sorrindo – apesar de tudo. Feliz Natal!...

Karl Kraus no *Die Fackel*

A mais profunda impressão, jamais causada numa sala, foi provocada pela leitura da carta de Rosa Luxemburg que eu encontrara, no domingo de Pentecostes, no jornal operário que levava comigo na viagem. Essa carta era ainda totalmente desconhecida na Alemanha dos socialistas independentes. Opróbio e vergonha a toda República que, malgrado todos os catecismos e todo cristianismo-gás-mostarda, não põe nos seus livros escolares, entre Goethe e Claudius, esse incomparável documento de humanidade (*Menschlichkeit*) e poesia no domínio da língua alemã e que, por horror à humanidade (*Menschheit*) de hoje, não comunica à juventude, sobre a qual perdeu a influência, que o corpo que tão grande alma abrigou foi morto a coronhadas. Toda a literatura viva da Alemanha não produz lágrimas como as dessa revolucionária judia, nem nos faz ficar com a respiração suspensa, como após (lermos) a descrição da pele do búfalo: “e ela foi dilacerada”.

(*Die Fackel*, n. 546-50, 22º ano, julho de 1920).

Karl Kraus in der Fackel

Der tiefste, je in einem Saal bewirkte Eindruck war die Vorlesung des Briefes von Rosa Luxemburg, den ich am Pfingstsonntag in der Arbeiter-Zeitung gefunden und auf die Reise mitgenommen hatte. Er war im Deutschland der unabhängigen Sozialisten noch völlig unbekannt. Schmach und Schande jeder Republik, die dieses im deutschen Sprachbereich einzigartig Dokument von Menschlichkeit und Dichtung nicht allem Fibel- und Gelbkreuzchristentum zum Trotz zwischen Goethe und Claudius in ihre Schulbücher aufnimmt und nicht zum Grausen vor der Menschheit dieser Zeit der ihr entwachsenden Jugend mitteilt, dass der Leib, der solch eine hohe Seele umschlossen hat, von Gewehrkolben erschlagen wurde. Die ganze lebende Literatur Deutschlands bringt keine Träne wie die dieser jüdischen Revolutionärin hervor und keine Atempause wie die nach der Beschreibung der Büffelhaut: "und sie ward zerrissen."

Carta de uma não-sentimental a Karl Kraus

Innsbruck, 25 de agosto de 1920

Prezado Sr. Kraus,

Por acaso veio-me às mãos (eu era assinante até 4.II/ano 1) o último número da sua “Fackel” e, embora uma missiva da ominosa Innsbruck não seja talvez muito bem vinda, permitir-me-ia retrucar-lhe algo a respeito da carta de Rosa Luxemburg, tão admirada pelo senhor. Pois bem, a carta é, na verdade, bem bela e tocante. Concordo com o sr. que poderia, perfeitamente, figurar como texto de leitura nos livros das escolas públicas primárias e secundárias, podendo-se, no preâmbulo, tecer instrutivas considerações sobre quão mais proveitosa e agradável teria sido a vida da Luxemburg, se em vez de agitadora, tivesse trabalhado como guarda num jardim zoológico, ou algo parecido. Nesse caso, provavelmente, até o “xadrez” lhe teria sido poupado. Com seus conhecimentos de botânica e sua predileção por flores teria também, em todo caso, encontrado ocupação rentável e satisfatória numa grande floricultura, não vindo, certamente, a travar relações com as coronhas das carabinas.

No que se refere à algo lacrimante descrição do búfalo, quero crer que a mesma não deixou de causar sua impressão sobre lacrimais das comendadeiras (*Kommerzienrätinnen*)⁹ e dos jovens estetas de Berlim, Dresden e Praga. Quem, contudo, como eu, cresceu numa grande propriedade ao sul da Hungria e conhece desde jovem esses animais, com seu couro em geral mal cuidado, freqüentemente rachado e sua “expressão facial” sempre estúpida, considera a coisa com mais calma. A boa Luxemburg deixou-se realmente levar no bico pelos referidos soldados ... para o quê, provavelmente, contribuíram ainda, na sua imaginação, lembranças de Leders-trumpf,¹⁰ manadas de búfalos selvagens nas pradarias etc. Se verdadeiramente nossos soldados (*Feldgrauen*),¹¹ sem levar em conta as duras lutas que tiveram de travar na Romênia, ainda tivessem tempo, força e vontade para capturar búfalos às centenas, domesticando-os imediatamente como animais de carga, isto seria digno de grande admiração e, mais ainda, decididamente, de espanto. Como se animais tão fortes pudessem aceitar esse tipo de tratamento!

O que é preciso que se saiba é que os búfalos, nessas regiões, são, desde tempos imemoriais, criados e empregados, de preferência, como animais de carga (tanto quanto como vacas leiteiras). São frugais e incrivelmente fortes, embora andem muito lentamente. Por conseguinte, não acredito que o “querido irmão” da Luxemburg tenha ficado particularmente espantado com o fato de, em Breslau, eles precisarem puxar

9. *Kommerzienrätin* é a esposa do *Kommerzienrat*, título honorífico para o qual não há correspondente em português, mas que seria algo próximo a “comendador”. (N.T.)

10. Personagem de Karl May.

11. Os *Feldgrauen* eram os soldados alemães na Primeira Guerra. Seu correspondente francês era o *poilu* e, inglês, o *tommy*. A palavra tem um sentido afetivo intraduzível. Talvez o que mais se aproxime seja *pracinha*. (N.T.)

uma carroça ou de levar uma surra com o “cabo do chicote”. Esta última – se não ocorrer de forma demasiado brutal – será certamente indispensável, às vezes, em animais de carga, uma vez que estes nem sempre são acessíveis a meros argumentos racionais, assim como uma bofetada atua freqüentemente de maneira muito benéfica sobre garotos robustos, o que, como mãe, posso lhe garantir! Nem sempre se deve supor o pior e, apenas por princípio, lamentar as pessoas (e os animais) sem conhecer os pormenores. Isso pode ser mais prejudicial que benéfico. Se possível, a Luxemburg teria certamente pregado a revolução dos búfalos e fundado para eles uma República dos Búfalos. Não duvido que ela teria sido capaz de obter para eles o paraíso – por ela – sonhado, com “belos cantos dos pássaros e o melodioso chamado do pastor”, e duvido que os búfalos dão a isso particular importância. Há de fato muitas mulheres histéricas, que gostariam de intrometer-se em tudo e de sempre açular uns contra os outros. Quando têm espírito e bom estilo, são docilmente ouvidas pela multidão, provocando muita desgraça no mundo, de tal forma que não se deve ficar muito espantado quando uma tal mulher, que tão freqüentemente pregou a violência, tenha também um fim violento.

Força tranqüila, trabalho nas esferas de influência próximas de nós, calma, bondade e conciliação é aquilo de que precisamos, em vez de sentimentalismo e açulamento. O que o senhor acha?

Atenciosamente
Sra. von X-Y.

Karl Kraus responde à não-sentimental

Acho que me interessa muito pouco se um número do *Die Fackel* caiu “por acaso” ou de outra maneira nas garras de semelhante besta, ou se até 4.II/ano 1 era assinante ou ainda é... Acho que se a carta de Rosa Luxemburg fosse transmitida às novas gerações através de seus livros de leitura – se as mencionadas Repúblicas, para tanto, pudessem reanimar-se – deveria ser igualmente impressa a carta dessa megera, para ensinar à juventude, não apenas veneração à sublimidade da natureza humana, mas também aversão à sua baixez e, neste exemplo tão claro, horror à inextirpável maneira de pensar das reprodutoras alemãs que, parecendo ter jurado fidelidade a Satã, querem estragar-nos a vida até a perspectiva absolutamente segura da nova guerra. Precisamente o que elas, por ânsia lasciva pela morte heróica, não evitaram em 1914 e que sempre deixarão voltar a acontecer. Eis o que penso, e disso quero falar mais uma vez com essa ninhada desumana de proprietários de terra e sangue e seu séquito, quero com eles ... falar alemão, sobretudo porque considero a Guerra Mundial um fato nada desprezível, e o tempo que reduziu a vida humana a um monte de lixo uma implacável parede divisória. Eis o que penso: o comunismo, como realidade, é apenas a contrapartida da sua [deles] própria ideologia profanadora da vida; nascido, porém, das graças de uma origem ideal puríssima, é um complicado antídoto para um fim ideal puríssimo. O diabo carregue a sua prática, mas que Deus não-lo conserve como constante ameaça sobre as cabeças daqueles que possuem propriedades, daqueles que, para preservá-las, gostariam de enviar todos os outros para as frentes da fome e da honra patriótica, com o consolo de que a vida não é o mais importante dos bens. Que Deus não-lo conserve para que essa corja, a quem a insolência faz perder a cabeça, não se torne ainda mais insolente, para que a sociedade dos únicos que têm direito ao prazer, e que acredita que a humanidade que lhe é submissa tem amor suficiente quando deles pega sífilis, pelo menos também vá para a cama com pesadelos! Para que ao menos percam a vontade de pregar moral às suas vítimas e o humor de fazer piadas sobre elas! Considerando o quanto a vida de Luxemburg teria sido mais proveitosa e agradável, caso tivesse trabalhado como guarda em um jardim zoológico em vez de domadora de feras humanas, pelas quais foi finalmente dilacerada, e se, como jardineira de flores nobres, a respeito de que, aliás, sabia mais que uma latifundiária, tivesse encontrado ocupação mais rentável e satisfatória do que como jardineira de ervas humanas daninhas – para chegar a tais considerações não bastará sequer um piscar de olhos (*Atemzug*), enquanto a insolência for refreada pelo temor. Existiria também o perigo de que, ao eventual sarcasmo sobre o “xadrez” em que uma mártir se encontra, imediatamente se respondesse assim: que se esclareça a pessoa que a uma tal ignomínia se atreveu, a menos que se prefira dar-lhe uma bofetada, a qual, posso assegurar à senhora, atua de maneira extremamente benéfica sobre robustas mães de heróis! Quanto ao escárnio de que Rosa Luxemburg “travou relações com as coronhas das carabinas”, certamente não seria nada demais levar algumas bordoadas, mas que ao menos seja com aquele cabo

de chicote que o búfalo de Rosa Luxemburg encontrou... Acho decerto que não devemos nos entusiasmar com os tribunais revolucionários, nem simpatizar com o ponto de vista daqueles oficiais que, em razão da última coisa que lhes restou, a honra, se sentiram arrebatados por castrar o próximo. Sou, porém, tão injusto que gostaria, por exemplo, de condenar senhoras, que ainda hoje dizem “nossos soldados” (*unsere Feldgrauen*), a limpar privadas de caserna e a “imediatamente” depois abandonar a nobreza, da qual não conseguem ainda se separar, mesmo que seja apenas na anônima difamação de uma morta. Aliás, acho também que nossos soldados, sem levar em conta as duras lutas que tiveram de travar na Romênia, e, na verdade, apenas porque os livros de leitura até 1914 não se inspiravam no espírito da boa Rosa Luxemburg, mas no das latifundiárias, nossos soldados, de fato, também tiveram tempo, força e vontade para capturar e domesticar búfalos. Ainda mais. Acho que enquanto durar a admiração das Valquírias alemãs e do sul da Hungria pelo adestramento militar dos búfalos, nem a humanidade estará protegida de ser, de preferência, amestrada para animal de carga. Entretanto, além disso, ainda acho o seguinte – e quero que desta vez minha opinião seja ouvida, não apenas minha palavra –: se a palavra da boa Luxemburg não fosse confirmada pelo menor dos fatos e não houvesse mais nenhum animal de Deus nas verdes pastagens, mas, ao contrário, já estivesse tudo a serviço dos comerciantes, mesmo assim ela teria falado diante de Deus mais verdadeiramente que semelhante latifundiária, a qual elogia a frugalidade do animal, queixando-se somente do seu andar lento; a humanidade que encara os animais como irmãos queridos tem certamente mais valor que a bestialidade. Esta acha divertido e zomba com a imagem, segundo a qual um búfalo não fica “particularmente espantado” de, em Breslau, ter de puxar uma carroça, nem de “levar uma surra” com o cabo do chicote. Isto é conseqüência daquele asqueroso cinismo que ensina aos senhores da criação e a suas esposas, “desde a juventude”, que o animal não sente nada, pois ele, assim como seu proprietário, é insensível. E isso, pela simples razão de não ter sido agraciado com a mesma porção de arrogância, e de não ser capaz, na algaravia de que aquele dispõe, de desistir das suas dores. Perante essa espécie [de proprietários], o animal tem a vantagem de não ser “sempre acessível a meros argumentos racionais”; por isso, o chicote aparece a essa gente como “certamente indispensável, às vezes”. Realmente, essa gente emprega-o apenas por cólera surda contra um destino incerto, destino que, de qualquer maneira, parece ter-lhes reservado o chicote! Também esbofeteiam os filhos, cuja força medem pela sua, ou deixam-nos de preferência martirizar por seminaristas sexualmente dilapidados, porque têm algo a temer, da vida ou do céu. Os filhos têm certamente a vantagem, com vergonha de terem nascido de semelhantes pais, de poderem decidir a tornarem-se melhores, apagar essa vergonha ou então, vingar-se nos seus próprios filhos. Aos animais, contudo, que somente pela violência ou pela fraude ficam na servidão, é determinado, a conselho do homem, deixarem-se por ele desonrar antes de serem devorados... O animal deve ficar tão pouco espantado com a vergonha que o homem lhe inflige, quanto o próprio homem; e como tão-somente um búfalo não deve espantar-se com Breslau, tampouco se

espanta o latifundiário quando o homem tem um fim violento. Pois onde, para manter a sua ordem [deles], o mundo caminha em direção à ruína, não encontram eles senão ordem. O que quer a boa Luxemburg? Naturalmente, ela, que não possuía nenhuma propriedade exceto o coração, que queria considerar um búfalo como irmão, teria certamente, se possível, pregado a revolução dos búfalos e fundado para eles uma República dos Búfalos, com belos cantos de pássaro e o melodioso chamado do pastor; mas é de se duvidar “que os búfalos dêem a isso particular importância”, já que preferem, evidentemente, o peso que lhes é posto em cima.¹² Infelizmente, ela não teria, de modo algum, conseguido tal coisa, porque na Terra há certamente muito mais búfalos do que búfalos!

(*Die Fackel*, n. 554-6, 22º ano, nov. 1920, p. 3 ss.)

12. *Gewicht legen*: expressão com dois sentidos: pôr peso em cima e dar importância a alguém. A frase também pode ser traduzida por “já que preferem, evidentemente, que só se dê importância aos proprietários”.

Karl Kraus antwortet der Unsentimentalen

Was ich meine, ist: dass es mich sehr wenig interessiert, ob eine Nummer der Fackel "zufällig" oder anderwegen einer derartigen Bestie in ihre Fänge gekommen ist, und ob sie bis 4.II.1.J. Abonnentin war oder es noch ist... Was ich meine, ist, dass neben dem Brief der Rosa Luxemburg, wenn sich die sogenannten Republiken dazu aufraffen könnten, ihn durch ihre Lesebücher den aufwachsenden Generationen zu überliefern, gleich der Brief dieser Megäre abgedruckt werden müsste, um der Jugend nicht allein Ehrfurcht vor der Erhabenheit der menschlichen Natur beizubringen, sondern auch Abscheu vor ihrer Niedrigkeit und an dem handgreiflichsten Beispiel ein Gruseln vor der unausrottbaren Geistesart deutscher Fortpflanzerinnen, die uns das Leben bis zur todsichern Aussicht auf neue Kriege verhunzen wollen und die dem Satan einen Treueid geschworen zu haben scheinen, eben das was sie anno 1914 aus Heldentodgeilheit nicht verhindert haben, immer wieder geschehen zu lassen. Was ich meine, ist – und da will ich einmal mit dieser entmenschten Brut von Guts- und Blutbesitzern und deren Anhang, da will ich mit ihnen ... deutsch reden, nämlich weil ich den Weltkrieg für eine unmissdeutbare Tatsache halte und die Zeit, die das Menschenleben auf einem Dreckhaufen reduziert hat, für eine unerbittliche Scheidewand – was ich meine, ist: Der Kommunismus als Realität ist nur das Widerspiel ihrer eigenen lebensschänderischen Ideologie, immerhin von Gnaden eines reineren ideellen Ursprungs, ein vertracktes Gegenmittel zum reineren ideellen Zweck – der Teufel hole seine Praxis, aber Gott erhalte ihn uns als konstante Drohung über den Häuptern jener, so da Güter besitzen und alle andern zu deren Bewahrung und mit dem Trost, dass das Leben der Güter höchstes nicht sei, an die Fronten des Hungers und der vaterländischen Ehre treiben mchten. Gott erhalte ihn uns, damit dieses Gesindel, das schon nicht mehr ein und aus weiss vor Frechheit, nicht noch frecher werde, damit die Gesellschaft der ausschliesslich Genussberechtigten, die da glaubt, dass die ihr botmässige Menschheit genug der Liebe habe, wenn sie von ihnen die Syphilis bekommt, wenigstens doch auch mit einem Alpdruck zu Bette gehe! Damit ihnen wenigstens die Lust vergehe, ihren Opfern Moral zu predigen, und der Humor, über sie Witze zu machen! Zu Betrachtungen, wie viel erspriesslicher und erfreulicher das Leben der Luxemburg verlaufen wäre, wenn sie als Wärterin in einem Zoologischen Garten betätigt hte statt als Bändigerin von Menschenbestien, von denen sie schliesslich zerfleischt ward, und ob sie als Gärtnerin edler Blumen, von denen sie allerdings mehr als eine Gutsbesitzerin wusste, lohnendere und befriedigendere Beschäftigung gefunden hätte denn als Gärtnerin menschlichen Unkrauts – zu solchen Betrachtungen wird, solange die Frechheit von der Furcht gezügelt ist, kein Atemzug langen. Auch bestünde die Gefahr, dass etwaiger Spott über das "Kittchen", in dem eine Märtyrerin sitzt, auf der Stelle damit beantwortet würde, dass man es der Person, die sich solcher Schändlichkeit erdreistet hat, in die Höhe hebt, wenn man nicht eine Ohrfeige vorzöge, die, wie ich Ihnen versichern kann, bei kräftigen Heldenmüttern sehr wohltätig wirkt! Was vollends den Hohn darüber

betrifft, dass Rosa Luxemburg "mit Gewehrkolben Bekanntschaft gemacht hat", so wäre er gewiss mit ein paar Hieben, aber nur mit jenem Peitschenstiel, der Rosa Luxemburgs Büffel getroffen hat, nicht zu teuer bezahlt... Ich meine nun freilich, dass man weder für Revolutionstribunale sich begeistern noch mit dem Standpunkt jener Offiziere sympathisieren soll, die sich aus dem Grunde, weil das Letzte, was ihnen geblieben ist, die Ehre ist, dazu hingerissen fühlen, ihre Nebenmenschen zu kastrieren. Aber so ungerecht bin ich doch, dass ich zum Beispiel Damen, die noch heute "unsere Feldgrauen" sagen, verurteilen würde, den Abort einer Kaserne zu putzen und hierauf "stracks" den Adel abzulegen, von dem sie sich noch immer, und wär's auch nur in anonymen Besundelungen einer Toten, nicht trennen können. Allerdings meine ich auch, dass unsere Feldgrauen, abgesehen von den schweren Kämpfen, die sie in Rumänien zu bestehen hatten und zwar nur deshalb, weil die Lesebücher bis 1914 noch nicht vom Geist der guten Rosa Luxemburg, sondern von dem der Gutsbesitzerinnen inspiriert waren, faktisch auch Zeit, Kraft und Lust gehabt haben, Büffel zu stehlen und zu zähmen, und ferner, dass, solange die Bewunderung deutscher und südungarischer Walküren für die militrische Büffeldressur vorhält, auch die Menschheit nicht davor bewahrt sein wird, mit Vorliebe zu Lasttieren abgerichtet zu werden. Was ich aber ausserdem noch meine – da ja nun einmal meine Meinung nicht bloss mein Wort gehört werden will – ist: dass, wenn das Wort der guten Rosa Luxemburg nicht von der geringsten Tatsächlichkeit beglaubigt wäre und längst kein Tier Gottes mehr auf einen grünen Weide, sondern alles schon im Dienste des Kaufmanns, sie doch vor Gott wahrer gesprochen hte als solch eine Gutsbesitzerin, die am Tier die Anspruchslosigkeit im Futter rühmt und nur die langsame Gangart beklagt, und dass die Menschlichkeit, die das Tier als den geliebten Bruder anschaut, doch wertvoller ist als die Bestialität, die solches belustigend findet und mit der Vorstellung scherzt, dass ein Büffel "nicht besonders erstaunt" ist, in Breslau einen Lastwagen ziehen zu müssen und mit dem Ende eines Peitschenstieles "Eines übers Fell zu bekommen". Denn es ist jene ekelhafte Gewitztheit, die die Herren der Schöpfung und deren Damen "von Jugend auf" Bescheid wissen lässt, dass im Tier nichts los ist, dass es in demselben Masse gefühllos ist wie sein Besitzer, einfach aus dem Grund, weil es nicht mit der gleichen Portion Hochmut begabt wurde und zudem nicht fähig ist, in dem Kauderwelsch, über welches jener verfügt, seine Leiden preiszugeben. Weil es vor dieser Sorte aber den Vorzug hat, "blossen Vernunftgründen gegenüber nicht immer zugänglich" zu sein, erscheint ihr der Peitschenstiel "wohl ab und zu unerlässlich". Wahrlich, sie verwendet ihn bloss aus dumpfer Wut gegen ein unsicheres Schicksal, das ihr selbst ihn irgendwie vorzubehalten scheint! Sie ohrfeigen auch ihre Kinder nur, deren Kraft sie an der eigenen Kraft messen, oder lassen sie von sexuell disponierten Kandidaten der Theologie nur darum mit Vorliebe martern, weil vom Leben oder vom Himmel irgendwas zu befürchten haben. Dabei haben die Kinder doch den Vorteil, dass sie die Schmach, von solchen Eltern geboren zu sein, durch den Entschluss, bessere zu werden, tilgen oder andernfalls sich dafür an den eigenen Kindern rchen können. Den Tieren jedoch, die nur durch Gewalt oder Betrug in die

Leibeigenschaft des Menschen gelangen, ist es in dessen Rat bestimmt, sich von ihm entehren zu lassen, bevor sie von ihm gefressen werden... Das Tier darf so wenig erstaunt sein über die Schmach, die er ihm antut, wie er selbst; und wie nur ein Büffel nicht über Breslau staunen soll, so wenig staunt der Gutsbesitzer, wenn der Mensch ein gewaltsames Ende nimmt. Denn wo die Welt für ihre Ordnung in Trümmer geht, da finden sie alles in Ordnung. Was will die gute Luxemburg? Natürlich, sie, die kein Gut besass ausser ihrem Herzen, die einen Büffel als Bruder betrachten wollte, hätte gewiss gern, wenn es ihr möglich gewesen wäre, den Büffeln Revolution gepredigt, ihnen eine Büffel-Republik gegründet, womöglich mit schönen Lauten der Vögel und dem melodischen Rufen der Hirten, wobei es fraglich ist, "ob die Büffel auf Letzteres so besonderes Gewicht legen", da sie es selbstverständlich vorziehen, dass nur auf sie selbst Gewicht gelegt wird. Leider wäre es ihr absolut nicht gelungen, weil es eben auf Erden ja doch weit mehr Büffel gibt als Büffel!